

Impactos da experiência de bolsistas egressos de um programa de extensão universitária

Marlene Schüssler D'Aroz
Luiz Panhoca
Denys Dozsa
Raissa Terra e Souza
Thayná Reis

Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UFPR)
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

darozmarlene@gmail.com
41-88078426

Resumo

Esse artigo apresenta reflexões de acadêmicos egressos de um programa de Extensão Universitária e analisa relatos dos impactos da experiência vivenciada na extensão à luz do PORPROEX, de Morin e Freire. Trata-se de uma pesquisa qualitativo-exploratória que contou com a participação de dezenove bolsistas egressos do programa de extensão ITCP/UFPR a contar da sua implementação em 1999 até o ano de 2013, a partir de um questionário semi-estruturado. Foi utilizado como metodologia de análise a identificação de núcleos de significação pautados em (AGUIAR e OZELA, 2006) para alcançar o objetivo desta reflexão: identificar os impactos positivos e negativos da experiência no programa de extensão. Da análise de dados emergiram três núcleos de significação: *formação diferenciada; formação cultural e possibilidade de novos percursos* os quais, em interação, respondem aos impactos positivos e negativos da experiência na vida pessoal e profissional do extensionista. A análise e discussão evidenciam impactos positivos nas dimensões pessoais e profissionais no que refere à experiência discente em termos teóricos e metodológicos; no aprimoramento do conhecimento científico e popular, técnicas e habilidades para lidar com pessoas e realidades sociais; formação e currículo diferenciado. Quanto aos impactos negativos, salientam a descontinuidade nos projetos. Como conclusão, a ITCP/UFPR e a universidade são entendidas como importante veículo de transformação social.

Palavras-chave: Impactos, bolsistas egressos, extensão universitária

EIXO TEMÁTICO III: ITCPs E METODOLOGIAS DE INCUBAÇÃO – GT 15

Introdução

Pensar a universidade a partir da sua proposta de formação profissional e disseminação de conhecimentos é um processo complexo, principalmente, quando referimos o aluno e a formação acadêmica. O conhecimento é para Fazenda (2011), constituído a partir dos referenciais de cada sujeito. Uma construção que tem o “velho como ponto de partida para que o novo possa se constituir” (p. 15). Inserida neste contexto está a extensão universitária, que por sua diversidade conceitual e prática interfere expressivamente no “pensar” e no “fazer” da proposta educacional interna da Universidade que envolve os acadêmicos. Este envolvimento resulta em impactos que consistem na relação de resultados alcançados e efeitos produzidos com a mudança na vida destas pessoas.

Ao longo da história, principalmente as universidades públicas, o conceito de extensão universitária tem mudado suas diretrizes conceituais. Os objetivos primeiros da proposta de extensão segundo a normatização da extensão datada de 11 de abril de 1931, pelo Decreto 19.851 que regulamenta o Estatuto das Universidades Brasileiras, tinham na sua essência a institucionalização da extensão centrada na forma de cursos e a difusão do conhecimento, uma via de “mão única” de uma Universidade que sabe para uma comunidade que não sabe. Com o avanço dos conceitos, novas diretrizes foram implementadas apontando diferentes caminhos como; à extensão cursos, à extensão serviço, à extensão assistencial, à extensão “redentora da função social da Universidade”, envolvendo o acadêmico, a sociedade, e a comunidade onde a proposta se insere (FORPROEX, 2012, p. 4-5).

Atualmente, a história da extensão universitária identifica-se por diferentes momentos e pelo viés do modelo da transmissão do conhecimento; verticalismo, voluntarismo, ação sócio-comunitária voluntária ou institucional; acadêmico institucional, finalmente por programas de extensão, orientados pelo Plano Nacional de Extensão, que postula a “Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 05).

Neste âmbito, destacam-se a diretriz da indissociabilidade (ensino, pesquisa, extensão) que reafirma a extensão universitária como processo acadêmico. A esse respeito, tal diretriz:

Coloca o estudante como protagonista de sua formação técnica - processo de obtenção de competências necessárias à atuação profissional - e de sua formação

cidadã – processo que lhe permite reconhecer-se como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social. (FORPROEX, 2012, p. 19).

No intuito de extrair da ação protagonista o seu significado e seu propósito parte-se da premissa que toda a experiência não pode ser explicada a partir de um único prisma: são necessários múltiplos e atentos olhares. Neste caso, olhar pela interdisciplinaridade permite que se tenha uma visão mais sistêmica e complexa do ser humano e da realidade que o envolve. Uma vez que quem referimos é o jovem acadêmico, para este, tudo é complexo. Desde acordar cedo, ler e escrever um texto, falar em público e conviver com os pares. A vida é complexa, incluindo o sucesso, o insucesso, a ascensão familiar e profissional.

Na universidade o aluno precisa transcender o espaço da sala de aula e buscar ações protagonistas, e uma destas ações ele pode encontrar nos projetos de extensão. Uma vez inserido na extensão universitária, estará envolvido em ações interdisciplinares que não acontece na sala de aula. É o olhar interdisciplinar que segundo Morin (2001) e Fazenda (2001) direciona o homem em busca de um saber que transcenda o saber-saber e o saber-fazer, conectado com as dimensões objetivas e subjetivas que o envolvem e o constituem. Entretanto, o reconhecimento protagonista na ação da extensão universitária só será possível ser entendido, por todos os envolvidos representados pelos alunos, professores, técnico-administrativos, pessoas das comunidades e estudantes de outras Universidades. Assim, emerge um novo conceito de ‘sala de aula’, que não mais se limita ao espaço físico tradicional de ensino-aprendizagem. A ‘sala de aula’ são todos os espaços, dentro e fora da Universidade, em que se apreende e se (re)constrói o processo histórico-social em suas múltiplas determinações e facetas (FORPROEX, 2012, p. 19). E ainda, a extensão inaugura possibilidades importantes na trajetória acadêmica do estudante e do professor que segundo Freire (2006, p.32), é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer.

Entretanto, o reconhecimento protagonista só será possível ser entendido, na ação da Extensão Universitária, e por todos os envolvidos no processo de aprendizagem.

O sistema de ensino aplicado dentro da Universidade é apontado por acadêmicos e pesquisadores como voltado a intenção de preparar acadêmicos para o mercado de trabalho, além de tencionar o pensamento destes à princípios individuais de visão da sociedade. Há também um conflito entre a necessidade de manter a neutralidade na busca por conhecimento dentro da academia e a polarização deste conhecimento, que geram ideais hegemônicos e esbarram o livre pensamento. Contrastando com isto, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UFPR) busca articular o conhecimento que

o acadêmico adquire na sala de aula, acrescidos de novos conhecimentos apresentados nos encontros formativos semanalmente de forma a levar os acadêmicos à reflexão sobre estes, ao pensamento do contexto e do complexo. Nestes encontros formativos a equipe discute, planeja, avalia e reavalia temas transdisciplinares comuns aos projetos desenvolvidos pela incubadora, envolvendo não só as disciplinas, mas também as impressões e informações levantadas em visitas frequentes nas comunidades incubadas.

Considerando relevante a reflexão sobre a formação do egresso de um programa de extensão universitária e a proposta educacional da ITCP/UFPR da Universidade Federal do Paraná (ITCP/UFPR) apresenta-se a necessidade de uma maior compreensão das experiências envolvendo egressos deste programa de extensão. Esta proposta se justifica pela necessidade de se conhecer os impactos e a contribuição da experiência da ITCP/UFPR na vida pessoal e profissional dos bolsistas que passam pelo programa. O plano teórico deste artigo baseia-se nos: (i) Plano Nacional de Extensão Universitária – FORPROEX (2012); (ii) Paulo Freire (2006, 1993); (iii) Edgar Morin (2007, 2002, 2001,) e; (iv) na proposta de trabalho da ITCP/UFPR (2007).

Para que futuro egresso da Universidade pública possa ampliar conhecimentos e aprendizados é preciso vivenciar experiências para além da sala de aula, e a extensão, tem sido uma das propostas que além de inserir o aluno na prática social tem sido avaliada pelos acadêmicos como positiva no sentido de resignificar os cursos de graduação. Assim, esse sentido deve ser entendido, pois, como um ato do homem mediado socialmente (AGUIAR, OZELLA, 2006, p. 7 apud D'AROS, 2013, p.194).

Presume-se que participar de atividades de Extensão Universitária contribui para formação do acadêmico, seja pela ampliação de conhecimentos, pelo contato direto com questões sociais, educacionais e praticas.

Decorrente dessas argumentações elabora-se a seguinte questão de pesquisa: Quais são os impactos positivos e negativos da experiência de egressos da ITCP/UFPR?

Revisão teórica

O discente ao ingressar na vida acadêmica busca aprender e apreender teorias e internalizar os meios cognitivos de compreender o mundo para aplicar no mercado de trabalho. Esse mercado, cada vez mais exigente, atribui à universidade a responsabilidade da formação que de conta de atender a demanda da qualidade. O mercado atual está cada vez mais competitivo e internacional, e para competir internacionalmente precisa qualificar os prestadores de serviço.

Como refere Morin (2001), de que serviriam todos os conhecimentos se não os confrontássemos uns com os outros, a fim de formar uma configuração capaz de responder às nossas inquietudes e expectativas?

O trabalho coletivo e interdisciplinar nas relações humanas e sociais é um dos caminhos apontados por Morin (2001), desde que não somente dentro da universidade, mas também, fora dela. E complementa. O atual modelo de educação é incapaz de perceber as relações existentes entre os conhecimentos e as aprendizagens e porque ambos devem acontecer concomitantemente. Tanto nas universidades como nas escolas tudo é fragmentado, cada coisa no seu tempo e lugar. No seu lugar está o fazer do professor, a estrutura das salas de aula, os corredores e pátios. Ou seja, primeiro a graduação – teoria – formação, ficando a prática para planos futuros, quando o aluno se insere no mercado de trabalho.

Frente a uma realidade mundial globalizada, onde os estudantes têm acesso a todo tipo de informação, não há mais espaço para professores que se limitam a ensinar apenas os conteúdos da sua disciplina sem considerar como este conhecimento está ligado a outras áreas, as experiências no contexto social e cultural, e sofre influências das mesmas.

No caso da ITCP/UFPR, a proposta pedagógica aponta também o papel dos professores que orientam os bolsistas na extensão de não depositar conhecimentos de ordem técnica ou sobre realidades sociais das comunidades, mas sim, de proporcionar, através da relação dialógica professor-acadêmico-comunidade, comunidade-acadêmico-professor, a organização de um pensamento correto sobre ambos.

Como refere Freire (1993, p. 35), “o melhor aluno não é o que disserta, ipsis, não é o que mais memorizou as fórmulas, mas sim o que percebeu a fórmula destas. (...) é o que pensa criticamente sobre todo este pensar e corre o risco de pensar também”. E complementa: “nenhum pensador, como nenhum cientista, elaborou seu pensamento ou sistematizou seu saber científico sem ter sido problematizado, desafiado”. E ainda, “ensinar não é transmitir conhecimento, ensinar é segundo Freire, uma especificidade humana” (FREIRE, 2003, p. 47). O conhecimento só se materializa como tal, na medida em que for apreendido e aplicado à realidade concreta.

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta.

Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais- em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem,

para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 2006, p. 25).

Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR (ITCP/UFPR)

A ITCP/UFPR é um programa de extensão universitária, constituído em junho de 1998 e orientada pelo Plano Nacional de Extensão (FORPROEX, 2012). Vem desde então estreitando os vínculos da Universidade em relação aos movimentos sociais e organizações comunitárias. A solução de continuidade para as sensíveis mudanças conjunturais ao longo dos anos que transcorreram à sua formação, foi estabelecer na sua filosofia da ação, os princípios cooperativos que ela pregava aos incubados.

O trabalho na ITCP/UFPR é orientado (i) pelo arcabouço teórico e metodológico da indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão; (ii) nas bases conceituais primeiras da Economia Solidária (SINGER, SOUZA, 2003), (iii) no Desenvolvimento Local (PREVOST, 2011); (iv) nas Tecnologias Sociais (DAGNINO, 2011).

A formação teórica e prática implicam conhecer, refletir e fazer, cujo resultado é ouvir a comunidade, discutir coletivamente e orientar para a ação. As discussões são incorporadas na condução das ações da ITCP/UFPR “para as pessoas” e “com as pessoas”, cujo objetivo final é o “Bem-Viver” (FARAH, VASAPOLLO, 2011; SMITH, MAX-NEEF, 2011) e, ainda, a troca de informações e as parcerias.

O programa desde a sua implementação em 1999, já compartilhou experiências e contribuiu para a formação diferenciada de aproximadamente 209 bolsistas de diferentes cursos de graduação e pós-graduação (educação, arquitetura, medicina veterinária, agronomia, biologia, zootecnia, geografia, jornalismo, farmácia, ciências econômicas, turismo, história, dentre outros), professores, técnicos e professores colaboradores internos e externos à UFPR e diferentes fomentos como: Bolsa Permanência (UFPR), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Fundação Araucária, Ciências Sem Fronteiras, Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná (FUPEF), Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC-UFPR), além eventualmente contar com alunos voluntários. O aprendizado adquirido entre a equipe e no seu convívio com a comunidade visa promover maior conscientização do seu papel social e uma ampliação da visão profissional. Ou seja, se pratica o que se está ensinando. Essa troca de informações gera um maior retorno à comunidade e nas expectativas do/a estudante extensionista.

Metodologia

Este artigo trata de um estudo qualitativo exploratório (ANDRÉ, 2001) com bolsistas egressos da ITCP/UFPR. Objetiva-se descrever e refletir quais são os impactos positivos e negativos da experiência de egressos da ITCP/UFPR, bem como a presença da interdisciplinaridade e a visão de universidade por esse egresso.

Os participantes são bolsistas egressos do programa desde a sua criação em junho de 1999. Cada participante recebeu uma carta convite com a apresentação dos objetivos e procedimentos da entrevista escrita. Consta dessa carta um questionário para a coleta de dados do respondente e cinco questões abertas, garantindo-se o sigilo e a identificação do respondente. Foram solicitados: (i) Nome; (ii) Ano atuação na ITCP/UFPR; (iii) Curso; (iv) Tempo de permanência na ITCP/UFPR; (v) Tipo bolsa recebida.

Em um primeiro momento foram enviados convites para 162 egressos por meio de correio eletrônico. Destes e-mails, 40 retornaram com erro no endereço, 1 resposta, 2 promessas de resposta e 119 dos contatos não responderam. Uma segunda tentativa de envio destes e-mails foi realizada após reavaliação dos contatos. Dos 162 contatos, 20 foram enviados também pela ferramenta facebook. Desta tentativa, 47 retornaram com erro no endereço, 10 enviaram questionário respondido e 105 não responderam, tampouco enviaram questionário. Na terceira tentativa, 7 bolsistas egressos enviaram questionário via facebook e 2 via e-mail, totalizando 19 respondentes.

A ferramenta utilizada para a coleta de dados foi um questionário com questões abertas e levantamento de dados dos arquivos de registros de bolsistas da ITCP/UFPR dentro do período de criação do programa compreendido entre os anos 1999 e 2013. O participante teve total liberdade de sinalizar desejar participar ou não da investigação. A entrevista escrita obedeceu a um questionário semi-estruturado elaborado com as seguintes questões:

1. Como você conheceu a ITCP/UFPR?
2. Qual o impacto positivo e negativo da sua experiência na ITCP/UFPR para sua formação pessoal?
3. Qual o impacto positivo e negativo da sua experiência na ITCP/UFPR para sua formação profissional?
4. Você percebe interdisciplinaridade na proposta formativa do programa? Em que momento e de que forma?
5. Como aluno da UFPR, a sua participação modificou de alguma maneira a sua visão da universidade? Como?

A análise, baseada na identificação de núcleos de significação (AGUIAR e OZELA, 2006) seguiu três etapas. Na primeira etapa efetiva-se a leitura flutuante que possibilita a familiarização com o material coletado visando a sua apropriação. Na segunda etapa buscou-se pré-indicadores para a construção dos núcleos futuros, temas mais diversos, caracterizados por maior frequência, importância enfatizada nas falas, carga emocional presente, pelas ambivalências e contradições e pelas insinuações não concretizadas. Na terceira etapa os elementos pré-indicadores irão compor os indicadores finais ou núcleos de significação.

A partir da releitura do material, dos conjuntos de indicadores e seus conteúdos, iniciou-se um processo de articulação, resultando na nomeação dos núcleos de significação que permitiu identificar impactos da experiência como bolsista do programa de extensão. Das entrevistas escrita desenvolveu-se a análise, considerando a compreensão do pesquisado na sua totalidade. O processo de análise se iniciou intra-núcleo, destacando as singularidades e a essência de cada um. Para a apreensão de sentidos elaborou-se uma articulação entre os núcleos levantados conforme recomendado por Aguiar e Ozella (2006, p. 24).

Resultados e análise

De um universo de 162 bolsistas, participaram deste estudo dezenove bolsistas egressos graduados e ingressos no mercado de trabalho. Dezesesseis participantes residem em bairros de Curitiba, Paraná, os três restantes em outros estados brasileiros (PA, MS, SC).

Na análise, levou-se em conta que, “para compreender a fala de alguém, não basta entender suas palavras, é preciso compreender seu pensamento e apreender o significado da fala” (AGUIAR, OZELLA, 2006, p. 130).

Esse estudo resultou na definição de três núcleos a partir das respostas dos participantes do estudo: Formação diferenciada; Formação cultural; Novas possibilidades.

O quadro a seguir apresenta o conjunto de pré-indicadores, indicadores e, na sequência, a discussão dos resultados a partir da nomeação de cada núcleo de significação. Como disposto no Quadro um foram constituídos três núcleos de significação com aproximadamente quatro indicadores finais. A análise dos dados imbricados nos indicadores contempla o objetivo do estudo. O recorte das falas apresentadas respeita as peculiaridades de linguagem dos participantes. Os participantes estão identificados por nomes fictícios.

QUADRO 1. SÍNTESE DOS RESULTADOS DO ESTUDO

Pré-indicadores	Indicadores	Núcleos de Significação
<p>Habilidades de relação pessoal com a população; habilidades de trabalho em equipe, de planejamento estratégico, de apresentação, autogestão, e de comunicação oral e escrita; Incorporação de valores; conceitos; práticas de tomada de decisões coletiva (estudantes, docentes e servidores); conhecimento dos muitos outros ramos da atuação; tive que trabalhar muito comigo mesmo para ampliar minha visão; estudar bastante; experiência prática na minha formação profissional; outra realidade de mundo; nenhum aspecto pessoal negativo; não havia orientação para minha área de atuação; escutar diferentes pontos de vista; as experiências com agricultores familiares; assentados; conclusão do curso; ter elevado minhas percepções de solidariedade e cooperação; senso mais crítico da realidade; houve um aprimoramento de diversas habilidades; não ter me dedicado a alguma especialidade do meu curso; aprendizado de várias áreas que foram úteis na vida profissional; contribui para o desenvolvimento da minha auto-estima, autonomia e na confiança para a tomada de decisões futuras; “posturas” foram aprimoradas como liderança, persistência, hábito da leitura, paciência, (refletir) pensar antes de agir, desenvoltura em público, planejamento familiar; voltava pensativa das nossas saídas de campo; participei de vários projetos envolvendo as comunidades; produção de artigos; muitas pesquisas e leituras realizadas; construir um rico currículo acadêmico; participação no Intercâmbio para a Universidade do Porto-Portugal/ Curso de Economia; meu primeiro emprego foi fruto da ITCP/UFPR; vi como negativo a descontinuidade dos projetos; alternância entre excesso de autonomia e falta de autonomia dos bolsistas na condução de tarefas; auxiliou na construção de um pré-projeto de pesquisa para mestrado; reflexão sobre carreira; melhores escolhas profissionais; ser proativo.</p>	<p>Aprimoramento de habilidades</p> <p>Crescimento pessoal e profissional</p> <p>Incorporação de novas práticas e conhecimentos</p> <p>Trabalho em equipe</p> <p>Visão crítica</p>	<p>Núcleo I</p> <p>Formação diferenciada</p>
<p>A interdisciplinaridade ocorria naturalmente; cada bolsista contribuía em uma área diferente; outros programas de extensão; trabalho de campo interdisciplinar; o ambiente na ITCP/UFPR sempre foi muito amistoso; acolhedor; participativo; fiz grandes amizades; conhecimento dos princípios e práticas do cooperativismo e associativismo; providenciar atividades práticas inseridas no cotidiano; metodologia participativa; ações multifacetadas; conhecimento técnico eleitos o social, cultural, ambiental e econômico; eram discutidos vários temas transversais de relevância acadêmica; profissional; social; política; convívio com pessoas de vários cursos e países; abrangência das nossas ações; identificar demandas e propondo soluções por meio da busca ativa e do diálogo de saberes; linha voltada a educação popular; reuniões; dinâmicas; discussões envolviam todos do programa;</p>	<p>Amizades</p> <p>Apropriação de novas metodologias</p> <p>Interdisciplinaridade</p> <p>Internacionalização cultural</p>	<p>Núcleo II</p> <p>Formação cultural</p>
<p>Soube da bolsa de extensão na página da PROEC; um amigo que foi bolsista na ITCP/UFPR me avisou da seleção; por amigos; no meu curso tinha um cartaz anunciando a seleção; no mural; Na ITCP/UFPR pude praticar o tripé da universidade: ensino, pesquisa e extensão; interação; dificuldades e desafios que envolvem a extensão; parcerias; ir além dos conteúdos dados pelos professores; eu não conhecia o papel da extensão dentro de uma Universidade; compreendi o que ela (a universidade) prega e</p>	<p>Aprender para além da sala de aula, com comunidades</p> <p>Consciência do caminho percorrido</p> <p>Novos desafios que</p>	<p>Núcleo III</p> <p>Novas possibilidades</p>

<p>o que de fato é feito; no mercado de trabalho é importante conhecer algum assunto em específico; o conhecimento produzido nas universidades públicas percorre um longo caminho; tempo que estive na ITCP/UFPR sentia uma grande afinidade com a ideia de universidade “pública, gratuita e de qualidade”; hoje tenho a concepção bastante crítica às universidades públicas; a universidade só ensina a parte teórica; quando se faz a pratica é uma realidade bem diferente da aprendida nas aulas; a Universidade possui programas extracurriculares e oportunidades de desenvolvimento além-sala de aula; a UFPR Litoral transformou a minha vida; busca por desenvolvimento sustentável e socialmente sustentado; poderia ter saído da universidade sem um verdadeiro entendimento do papel social da universidade; a ITCP/UFPR me possibilitou entender que a extensão tem o mesmo peso de uma formação ou de uma pesquisa dentro de uma universidade.</p>	<p>envolvem Ensino, pesquisa e extensão</p> <p>O papel da ITCP/UFPR e da universidade pública</p>	
--	---	--

Núcleo 1 - Formação diferenciada

A experiência possibilita criar uma nova maneira de ver as coisas. Ela favorece novas formas de aproximação da realidade social e uma nova leitura das dimensões socioculturais que envolvem os sujeitos no processo. A formação é aqui entendida como diferenciada a partir dos indicadores: *Aprimoramento de habilidades; Crescimento pessoal e profissional; Incorporação de novas práticas e conhecimentos; Trabalho em equipe; Visão crítica.*

O aprimoramento de habilidades é para os participantes, resultado da interface entre o saber produzido no interior das universidades com o saber popular, ou seja, com a cultura local e desta com a cultura universitária. Neste sentido, a extensão inicia uma trajetória para transformação da sociedade, transforma-se a si mesma e transforma sua relação com os outros “fazeres acadêmicos – ensino, pesquisa e extensão”. O significado desta ação é percebido nos relatos a seguir.

“Com a experimentação a campo, pude (re)significar a teoria vista em sala de aula, compreendendo os conceitos e ampliando as formas de transmiti-los aos agricultores. Reconhecendo a importância do conhecimento popular, pude compreender histórias e tradições que impulsionaram hipóteses científicas vistas nas disciplinas técnicas; etc.”(Fer).

“Houve um aprimoramento de diversas habilidades como: trabalhar em equipe, organização, oratória, criatividade, além da bagagem de conhecimentos adquiridos. Acredito que o único impacto negativo foi não ter me dedicado a alguma especialidade do meu curso, no caso, de medicina veterinária, mas não atribuo essa questão exclusivamente ao fato de estar na incubadora. Eu tinha interesse por diversas áreas de conhecimento e a incubadora me despertou interesses mais diversos ainda” (Rik).

Crescimento pessoal e profissional é identificado pelos participantes como um dos impactos positivos quando da experiência neste programa de extensão. Reveste-se também, e de forma positiva, de um início de uma tomada de consciência da necessidade de mudanças na forma de atuação e formação das Universidades, em sua relação com a sociedade, deixando de priorizar a formação pela demanda do mercado de trabalho. Acrescentam na vida pessoal e profissional do acadêmico novos desafios e sobre estes, as participantes Fer e Kau relatam.

“A ITCP/UFPR foi muito importante para minha formação pessoal. Foi grande parte não somente da minha universidade, mas também da minha vida por muito tempo. É, sem dúvida, um furacão de aprendizados diários que te desafiam de te renovam mensalmente, semanalmente, diariamente!”(Fer.)

“Como profissional pude colocar em prática a parte pedagógica, colaborar na elaboração de artigos, apresentação em congressos e seminários. Contribui em algumas formações com assuntos que foram surgindo durante a caminhada o que cooperou para minha formação e experiência. Fez-me perceber o papel do pedagogo, não somente como um profissional escolar, mas também como um articulador de novas aprendizagens.” (Kau)

A incorporação de novas práticas e conhecimentos inicia nos momentos formativos na ITCP/UFPR e se estendem nas ações realizadas em campo junto às experiências vivenciadas com a comunidade. Até então, para os participantes, a formação era teórica e na sala de aula. A teoria é geralmente baseada nas experiências de cada professor e parte integrante de suas pesquisas de pós-graduação. Tal observação é para os participantes consequência do sistema de ensino aplicado dentro da Universidade que intenciona preparar acadêmicos para o mercado de trabalho, além de tencionar o pensamento destes à princípios individuais de visão da sociedade. O bolsista de extensão se diferencia porque vivencia ainda na graduação uma experiência social. Os conhecimentos transmitidos passam a ser situados historicamente e entendidos como algo que não é absoluto, único. A esse respeito refere Morin (2001), conhecimento é algo que deve ser questionado sempre, pois se trata de uma versão, de um recorte da realidade, uma tradução, passível de erros e ilusões por ser, como tal, fruto de reconstruções. Para darmos conta da complexidade das ações é necessário que vejamos em que meio elas nascem, colocam seus problemas, metamorfoseiam-se. De que serviriam todos os conhecimentos se não os confrontássemos uns com os outros, a fim de formar uma configuração capaz de responder às nossas inquietudes e expectativa?

Contrastando com a colocação acima, a Incubadora busca articular os conhecimentos em encontros formativos semanalmente de forma a levar os acadêmicos à reflexão, ao pensamento do contexto e do complexo que Morin (2001) entende como religação dos saberes.

A este respeito

“O contato com diversos públicos-alvo do programa, com estudantes de diversos cursos, com professores com diferentes bibliografias e metodologias de trabalho e servidores com uma grande diversificação de experiências dentro da universidade me ajudaram a amadurecer características muito valiosas hoje em minha vida”. (Fer)

“A maioria das ações eram multifacetadas permitindo e consideravam, além do conhecimento técnico, eleitos do social, cultural, ambiental e econômico. Aprendi a escutar diferentes pontos de vista acerca de um objeto em comum e utilizá-los no desenrolar das ações, bem como a trabalhar em equipe” (Cy).

Deste processo podemos postular que incorporar novas práticas foi possível pela intensificação das ações no coletivo, na interdisciplinaridade, nas relações humanas e sociais não somente dentro da universidade. Neste momento, o aprofundamento do conhecimento do professor sobre o universo do aluno vai acontecendo por meio do saber-ser, do afeto, desenvolvidos em ambiente de confiança mútua, pelo processo de desenvolvimento das práticas existentes com a inserção de novas práticas adquiridas em parceria. Quando professor trabalha em harmonia com o aluno, exercita a humildade em estar permanentemente aprendendo a ensinar. A formação na ITCP/UFPR é descrita pelos participantes De e Fran.

“Na ITCP se trabalhava com a perspectiva de formação de grupos para o trabalho coletivo, apropriação do conhecimento por esses grupos, respeito a realidade dos grupos, uma linha voltada a educação popular” (De).

“O trabalho em conjunto e os desafios de ir a campo e levar o conhecimento. Isso tudo foi muito gratificante, pois todos tinham o propósito de fazer a diferença, fazendo diferente, e acima de tudo, querendo o bem ao próximo.” (Fran).

Formar a partir da teoria e da prática implica em conhecer, intervir e refletir. Esse princípio é de uma proposta interdisciplinar que possibilita aproximar o aluno da realidade social promovendo trocas de experiências, intercambio cultural criando redes. Essa proposta de formação é oferecida pela ITCP/UFPR e acontece também, com o intuito de preparar a equipe para períodos mais longos nas comunidades entendidos como extensão por imersão e contempla o quarto indicador *trabalho em equipe*.

Sobre o indicador *visão crítica*, os relatos dos participantes apontam que após a experiência no programa de extensão ITCP/UFPR a visão que antes era limitada se ampliou no momento em que passou a participar das ações formativas e dos trabalhos de campo articulando conhecimentos científicos e populares de forma interdisciplinar. A apreensão de novos conhecimentos se deu segundo os participantes também pela proposta da ITCP/UFPR considerar o *trabalho em equipe*. Cada atividade era planejada e aplicada não por um bolsista, mas por todos. Na ITCP/UFPR, a formação teórica cede espaço para a formação prática e em loco.

“A oportunidade de aplicar a teoria na prática de campo proporcionou um melhor entendimento do conhecimento científico. Quando levávamos os questionamentos de campo para a Universidade, desenvolvemos a análise crítica e a visão científica para resolver as questões”(Mo).

Observa-se que como extensionista, o aluno leva para a comunidade seus conhecimentos e técnicas, ação esta, dada no domínio do humano e não do natural, o que equivale dizer que a ação não tem como objetivo o humanismo, mas de tornar o mundo dos homens, um mundo melhor. Para o participante (Moc), o contato com novos conhecimentos, pessoas e metodologias ampliaram a sua visão e criticidade sobre os fatos, e por conta disso, se tornou uma pessoa mais crítica, fato este, visto como negativo.

“Como impacto negativo: fiquei muito crítico.” (Moc).

A esse respeito Freire (1983, p. 26) postula que “a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica”. Para os participantes Eme e La, a experiência proporcionou impactos negativos e positivos. Como impacto positivo,

“Trabalho em equipe e aceitação das ideias diferentes da minha. Todos os trabalhos da ITCP/UFPR foram de construção coletiva, visando a pluralidade e a valorização de todas as ideias. Essa formação veio constituir um diferencial na minha carreira como economista e como professor, uma vez que por muitas vezes fui reconhecido por ter um perfil conciliador e humanista” (Eme).

“Foi ótima porque permitiu o convívio com pessoas de vários cursos e o aprendizado de várias áreasa universidade só ensina a parte teórica. Mas quando se faz, a prática é uma realidade bem diferente da aprendida nas aulas.” (La).

Como impacto negativo,

“Apesar da interdisciplinaridade e da pluralidade, na época em que eu estive na ITCP/UFPR o viés ideológico da metodologia de uma pessoa de liderança na época era estreito, sendo fundamentalmente marxista, não permitindo a aplicação de ferramentas fundamentais da economia, como planejamento estratégico. Com isso acabei me privando do contato com outras teorias e, por muitos anos da minha vida após a saída da ITCP/UFPR, eu trabalhei ideologicamente (e não racionalmente) motivado” (Eme).

Por ser uma proposta interdisciplinar, implica na capacidade do outro de construir relações com outros e com o mundo de forma interdisciplinar interna e externa a universidade e a ITCP/UFPR. E mais, além de interdisciplinar, é dialógica e instrumentalizadora, e deste processo dialógico de teoria/prática, favorece a visão integrada do social.

Núcleo 2. Formação cultural

Conhecer diferentes culturas envolve conhecer espaços, crenças, comunidades, o jeito de ser e de viver de pessoas que podem resultar em uma complexidade de conhecimentos. *A formação cultural é resultado dos indicadores: Amizades; Apropriação de novas metodologias; Interdisciplinaridade; Internacionalização cultural.*

Amizades, indicador constituído ou não, como em qualquer relação social, do desafio de trabalhar em grupo. Desta relação, alguns vínculos se fortaleceram e permanecem duradouros por anos. Esta convivência pode gerar além de vínculos afetivos, conflitos que desencadeiam divergência de opiniões e comportamentos. No caso do trabalho coletivo na ITCP/UFPR, tais divergências são percebidas também, quando se trata da hierarquização dos cursos uma vez que estes se diferenciam por grau de importância e status aos olhos da atual conformação social. Estas situações decorrentes da reflexão enquanto indivíduo e coletivo configuram desafios para convivência grupal e possibilitam reavaliar a proposta formativa da universidade.

Segundo Freire (1983, p. 22), “Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos.” Nesse sentido, o trabalho do profissional que atende a comunidade não é de imposição de saberes, mas de socialização de conhecimento, demandando uma postura da parte do acadêmico que precisa compreender que o seu papel é o da humanização e transformação. Ou seja, a troca e interação simultânea de conhecimento, aprendizado e humanização contribui na construção da relação professor-acadêmico-comunidade, comunidade-acadêmico-professor que por meio do diálogo, possibilita ações concretas além de novos conhecimentos, resultando na *apropriação de novas metodologias*.

Apresentar informação para as pessoas não é ensinar. O aprendizado é entender esse conteúdo em sessões interativas, interdisciplinares e ricas de aprendizagem. A esse respeito, o trabalho coletivo e interdisciplinar nas relações humanas e sociais é um dos caminhos apontados por Fazenda e Morin, desde que não somente dentro da universidade, mas também, fora dela. O que nos leva a postular sobre a missão de aprender e ensinar que como refere Morin (2002b), o aprender a religar e a problematizar. Religar para o teórico permite dentre outros refletir e tentar integrar nosso saber na prática e na vida. É nesse movimento dialógico processado no coletivo que se vislumbra recriar o conhecimento, recriar a formação do profissional, do humano.

“Haviam vários ambientes organizados: o geral, o trabalho com grupos, o trabalho com projetos, trabalhos por áreas e outros, mas todos os envolvidos (estudantes, docentes e servidores) de uma forma ou outra se intercalavam, interagem. Aprendi muito com meus colegas das mais variadas áreas de formação” (De).

“A interdisciplinaridade se percebe na busca de soluções para os problemas. Como o processo de formação visa capacitar o estudante para atender às múltiplas demandas, se verifica a inter quando são empregados conceitos, teorias e técnicas de diversas disciplinas na busca de soluções práticas” (Mar).

No tocante à proposta interdisciplinar é também estendida internacionalmente. A metodologia diferenciada abordada pela ITCP/UFPR é possibilitada por redes de intercâmbio com universidades e comunidades internacionais do Chile, Argentina, Estados Unidos, ampliando as relações e afirmando o conceito de interdisciplinaridade. A *Internacionalização cultural* integra diferentes áreas e viabiliza ligar distintos conhecimentos, tendo como base aprofundar, crescer e difundir estudos compartilhados das experiências entre bolsistas e professores pesquisadores de outras universidades. Para tal proposta, entende-se que a interdisciplinaridade não pode ser apenas estudada, e sim exercida (MORIN, 2011). Nesse sentido, a proposta da ITCP/UFPR quebra paradigmas quanto às expectativas iniciais da inserção do estudante no programa.

Núcleo 3. Novas possibilidades

Não há educação feita por um indivíduo, descolado do outro. Assim como, não há educação restrita apenas pela via da universidade. Nesse sentido os indicadores: *Aprender para além da sala de aula, com comunidades; Consciência do caminho percorrido; Novos desafios que envolvem Ensino, pesquisa e extensão e o papel da ITCP/UFPR e da universidade pública* indicam *novas possibilidades* a vida pessoal e profissional dos formandos.

“A metodologia participativa de atuação, as experiências com agricultores, familiares, assentados, as discussões sobre metodologias de intervenção, a autocrítica, me permitiram coordenar um projeto imediatamente a conclusão do curso.” (Moc).

Ter *consciência do caminho percorrido* fica visível ao concluir a graduação, mas para muitos é apenas o começo de uma longa jornada. Quando o acadêmico participa de projetos, ele com certeza sai da universidade com um currículo diferenciado e, este currículo pode direcioná-lo para novos desafios, um deles, a pós-graduação.

“Foi através do aprendizado na gestão dos vários projetos da ITCP/UFPR, da extensão nas comunidades, da produção de artigos e das muitas pesquisas e leituras realizadas que consegui construir um rico currículo acadêmico e este possibilitou a minha participação no Intercâmbio para a Universidade do Porto-Portugal/ Curso de Economia. E em consequência disso, quando voltei, o meu primeiro emprego foi fruto da ITCP/UFPR”. (Sil).

Os *novos desafios que envolvem ensino, pesquisa e extensão* desafiam também o papel da ITCP/UFPR e da universidade pública. A proposta de formação universitária definida para este tripé define conceitos educacionais sem atender um dos seus critérios definidos no documento vigente, o de inserir o aluno nas ações extensionistas visando o seu crescimento pessoal e profissional.

“Destaco ter elevado minhas percepções de solidariedade e cooperação; e ter desenvolvido um senso mais crítico da realidade, de modo a buscar interpretá-la de maneira mais honesta e imparcial. Quando entrei na ITCP/UFPR, ignorava elementos da realidade para que ela pudesse ser interpretada pelas minhas preferências políticas a ideológicas. Hoje, busco investigar tudo da maneira mais sensata e honesta. É preciso saber distinguir o que é real daquilo que você quer que seja” (Rik).

Cada atividade realizada em aula de campo acrescenta conhecimentos, e a experiência adquirida se soma a teoria apreendida em sala de aula. O retorno à Universidade, tanto para os docentes quanto para os discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento adquirido na comunidade. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizado, acadêmico e popular, e terá como consequências, a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional.

Na atualidade, as instituições de ensino superior primam por ofertar uma formação que atenda o mercado qualificado de trabalho. É, principalmente, das universidades que se espera uma formação que contemple as exigências do mercado e seus prestadores de serviço. A formação acadêmica segundo os participantes apontou novos percursos a partir da participação em projetos dentro da universidade. Segundo Freire (1993), fazer extensão

universitária é ampliar a formação, aprofundar a teoria e a prática por meio de ações no tempo e nos espaços pedagógicos. Uma formação diferenciada não necessariamente precisa acontecer na universidade e não necessariamente com professores doutores. O conhecimento e a prática social perpassam a academia no âmbito plural e também temporal, uma vez que é adquirido no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional e isso significa que nos ofícios e profissões não existe conhecimento sem reconhecimento social. (TARDIF, 2002, p. 13).

“Acredito que a centralização de informações importantes para o grupo, a seleção de profissionais e bolsistas com pouca ou nenhuma afinidade com o objetivo dos projetos e a falta de continuidade pós-formatura acabam quebrando o ciclo de trabalho com as comunidades e desestrutura as relações de confiança estabelecidas”.(Fer)

O papel da ITCP/UFPR e da universidade pública são indicadores que postulam e fundamentam o que de fato acontece com o aluno após conclusão do curso de graduação.

“Compreendi qual a função social da universidade, o que ela prega e o que de fato é feitome deu condições de escrever projetos sócio ambientais / educacionais e, inclusive, um foi aprovado pela Petrobras e um pelo MDA¹” (Moc).

“A minha visão de Universidade foi profundamente modificado. Hoje vejo a Instituição não mais como uma formadora acadêmica de teorias, mas também com um papel social muito importante, proporcionado pela extensão universitária. A Universidade, na formação e na construção de teorias sociais, deixa de ser meramente expectadora, para agir socialmente. Na experiência da ITCP/UFPR, as comunidades e as cooperativas não são meros laboratórios sociais de observação e de pesquisa-ação, mas também o alvo do papel social de transformação das realidades locais, respeitando suas culturas e tradições” (Eme)

“Até então, eu não conhecia o papel da extensão dentro de uma Universidade. Eu me vi apaixonada, defensora de uma universidade que chega às pessoas, que contribui para a construção do conhecimento, que interage com a comunidade/sociedade e pode fazer diferença. Com o tempo fui percebendo as dificuldades e desafios que envolvem a extensão, que a universidade só consegue mesmo fazer diferença se não estiver sozinha, se tiver parceiros” (De).

Sobre o indicador *aprender para além da sala de aula, com comunidades*, os bolsistas da ITCP/UFPR são preparados previamente e amplamente antes das experiências com as comunidades. Entende-se por experiência, (i) as formações onde há embasamento teórico/prática sobre assuntos inerentes ao trabalho da equipe, e também (ii) as vivências. Quando estas experiências acontecem envolvendo em um mesmo contexto jovens acadêmicos de distintas áreas do conhecimento, temos segundo (MORIN, 2002), a

¹ MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

complexidade das relações uma vez que passam do individual para o coletivo, para o complexo. As atividades vivenciadas acontecem durante determinado período, em que toda a equipe convive e trabalha junto à comunidade realizando reuniões, compartilhando saberes e contemplando a prática discutida nas atividades formativas. O intuito é aproximar os alunos às comunidades atendidas, objetivando a transformação de ambas. As experiências possibilitam o trabalho em equipe, estimulando a capacidade de articulação entre os bolsistas e comunidade. Como exemplo, os relatos a seguir:

“Na ITCP/UFPR se trabalhava com a perspectiva de formação de grupos para o trabalho coletivo, apropriação do conhecimento por esses grupos, respeito a realidade dos grupos, uma linha voltada a educação popular. Nas experiências profissionais após a ITCP/UFPR eu incorporei esse caráter formativo, histórico e de respeito. Tive que trabalhar muito comigo mesma para ampliar minha visão, mas depois eu incorporei esses conceitos e tento aplicá-los em todos os meus ambientes de trabalho”.(De).

“Com a formação interdisciplinar, pude ampliar o leque de resolução de problemas e melhorar a comunicação com os agricultores; com a experimentação à campo, pude ressignificar a teoria vista em sala de aula, compreendendo os conceitos e ampliando as formas de transmiti-los aos agricultores; reconhecendo a importância do conhecimento popular, pude compreender histórias e tradições que impulsionaram hipóteses científicas vistas nas disciplinas técnicas; etc” (Fer).

Ter Consciência do caminho percorrido faz de cada participante um ser humano diferenciado pessoalmente e profissionalmente. Passar pela experiência de um projeto de extensão foi acima de tudo um dos pontos fortes, positivos da formação. Ao fazer extensão estamos ampliando nossos horizontes, estamos produzindo conhecimento, mas não qualquer conhecimento, um conhecimento que viabiliza a relação transformadora entre a Universidade, a Sociedade e a comunidade e vice-versa. Partindo de este olhar o bolsista que participa de um projeto de extensão não é mais o mesmo.

A interação entre os núcleos de significação: *Formação diferenciada, Formação cultural e Novas possibilidades* permitem respostas ao objetivo identificar quais os impactos negativos e positivos da experiência de bolsistas egressos de um programa de extensão, cuja reflexão busca observar as contribuições para o futuro profissional. Nesse sentido, devemos olhar a extensão como uma proposta a ser rediscutida e refletida uma vez que se costuma confundir extensão com ação educativa/formativa. É mais que isso, é uma profunda reflexão do nosso papel social, de promotor de mudanças, e transcender, assim a prática e na prática com as comunidades. Tanto a equipe quanto a universidade que vai não serão os mesmos que voltam, a comunidade que vai não será a mesma que volta. A esse

respeito refere Freire (1983, p.28), “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando”.

Considerações finais

Conhecer os impactos negativos e positivos consequentes da experiência de bolsistas egressos em um programa de extensão universitária foi o objetivo deste estudo. Assim, a partir da problemática que norteou a pesquisa, os impactos são constituídos por meio do aprendizado de novos conhecimentos e a incorporação de novas práticas. Pôde-se conhecer a formação diferenciada de cada participante da pesquisa, a relevância de desenvolver práticas interdisciplinares junto a outros grupos de diferentes áreas do conhecimento, visão ampliada do papel da universidade que envolve a proposta educacional da universidade e dos programas de extensão.

Para os bolsistas egressos da extensão universitária, a experiência no programa proporciona momentos extremamente importantes para a sua formação pessoal e profissional, consolidando o fazer acadêmico, social e articulador da Universidade. Entretanto, o grande ganho se dá pelas práticas sociais através do próprio fazer extensionista e das vivências com as comunidades atendidas. A ITCP/UFPR segundo os participantes tem sido um importante veículo de transformação social tanto para com o acadêmico quanto para com comunidades. Sobre a universidade, o aluno de extensão passa a conhecer outra universidade também voltada para as questões sociais, e não só envolvida com laboratório de teorias.

Nesse sentido, o programa tem sido avaliado pelos egressos de forma positiva e defendido que a oportunidade de aprender com a mão na massa e de explorar um problema permitiu aos bolsistas aprender fazendo uma mesma tarefa junto a integrantes dos mais diferentes cursos. Juntos aprendem com as experiências e a investigação que a resolução de problemas não é apenas tarefas a serem realizadas, mas mecanismos de aprendizado poderosos que melhoram o seu desempenho, as relações pessoais e a qualificação profissional.

Por fim, as atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensejam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam. Esses resultados permitem: (i) o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos; (ii) reafirmar o compromisso social da Universidade Pública brasileira;

(iii), uma formação complementar para a inserção do egresso da ITCP/UFPR no mercado de trabalho, sensíveis às questões humanas e ambientais; (iv) consolidação de espaços na reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da Universidade Pública brasileira.

Torna-se relevante repensar a educação, atentos, acima de tudo, aos aspectos que incidem na proposta de ensino-pesquisa-extensão vigente, principalmente, nas universidades públicas, no que se refere à oferta de bolsas de estudo que possam atender um número maior de acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento. Trabalhar para que a proposta do FORPROEX, primeiro indicador da agenda (2012) sobre a *incorporação curricular definitiva das ações de extensão, reconhecendo seu potencial formativo e inserindo-as, de modo qualificado, no projeto pedagógico dos cursos.*

Agradecimentos

Agradecemos à PROEC, à FINEP e ao CNPq pelos recursos e auxílio durante andamento dos Projetos.

Bibliografia

AGUIAR, V. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia, Ciência e Profissão*. V. 26. N. 2. Junho. Brasília, 2006.

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscandorigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**. 2001. n. 113. Julho, p. 51- 64.

BERGONSI, S.S.; LACERDA G. B de. (Org). *Cooperativismo, Economia Solidária e Inclusão Social: métodos e abordagens*. Curitiba: PROEC, 2007.

BRASIL. Decreto 19.851 de 11 de abril de 1931. Estatuto das Universidades Brasileiras.

DAGNINO, R. P. Tecnologia Social: base conceitual. *Revist@ do Observatório do Movimento pela Tecnologia Social da América Latina*. 1(1) 2011. pp.1-1.

D'ARÓZ, M. S. A vez e a voz de mulheres mães com filhos e ou netos institucionalizados. Tese (Doutorado em Educação) na linha de cognição, aprendizagem e desenvolvimento humano da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

FARAH H.. I.Y VASAPOLLO, L. (Coordinadores). *Vivir bien: ¿Paradigma no capitalista?* Plural editores. La Paz, Bolivia. 2011.

FAZENDA, I. C. A. (ORG); GODOY, H. P. (COORD. TÉCN). *Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar e intervir*. Editora CORTEZ, 2014.

FORPROEX. Extensão Universitária: organização e sistematização / Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras; organização: Edison José Corrêa. Coordenação Nacional do FORPROEX. Belo Horizonte: Coopmed, 2007. Disponível América Latina. Buenos Aires: Editorial Miño y Dávila, 2012.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 8ª Edição. Coleção o MUNDO, HOJE, Vol. 24. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1993.

_____ Educação e Mudança. 9a edição. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1983.

_____ Extensão ou Comunicação. 13a Edição. São Paulo: Paz e Terra. 2006.

MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad.: Eloá Jacobina. 7a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

_____ A Cabeça Bem-feita: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____ Introdução ao pensamento complexo. 4 Edição. Editora Sulina, 2011.

PREVOST, P. Enjeux didactiques dans la formation des agronomes: cas de la notion de terroir. Natures Sciences Sociétés 19, 50-55 (2011). pp. 50-55.

SINGER, P., SOUZA, A.R. (org.) A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SMITH, B. P. ; MAX-NEEF, M. Economics Unmasked: From Power and Greed to Compassion and the Common Good (UK: Green Books, 2011). Definido nas páginas 173 e 174 de Max Neef.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.